

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

ANA LUIZA DE ARAUJO VAZ CARDOZO

Exu: O Mensageiro Demonizado

São Paulo
2024

ANA LUIZA DE ARAUJO VAZ CARDOZO

Exu: O Mensageiro Demonizado

Memorial descritivo do trabalho de conclusão de
curso de graduação em Jornalismo, apresentado
ao Departamento de Jornalismo e Editoração.

Orientação: Prof. Dr. Alexandre Barbosa

São Paulo

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Cardozo, Ana Luiza de Araujo Vaz
Exu: O Mensageiro Demonizado / Ana Luiza de Araujo Vaz
Cardozo; orientador, Alexandre Barbosa. - São Paulo,
2024.
23 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Podcast. 2. Exu. 3. Religiões Afro-brasileiras. 4.
Demonização. I. Barbosa, Alexandre. II. Título.

CDD 21.ed. - 070

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, meus pais, Sandra de Araujo e Jorge Vaz Cardozo, e minha avó, Olinda Caetano de Araujo, cujo apoio incondicional foi fundamental ao longo de todos esses anos de formação como cidadã no mundo. Obrigada por sempre acreditarem no meu potencial e oferecerem todo o amor e suporte necessários para que eu continuasse vivendo e aprendendo. Um agradecimento especial às matriarcas, cuja existência e resistência me inspiram todos os dias e são a base do meu ser.

Aos meus amigos, pelo carinho, incentivo e suporte em todos os momentos, sejam de alegria ou frustração. Vocês tornam a minha trajetória mais leve e com mais sentido. Gostaria de mencionar, principalmente, Letícia Soares e Guilherme Bittar, por me acompanharem durante todos estes anos e serem minha mola propulsora, sempre acreditando nos meus sonhos, muitas vezes mais do que eu mesma.

Ao meu orientador, Alexandre Barbosa, pelo apoio e empenho durante todas as etapas deste trabalho. Seu senso de propósito, paixão e dedicação pelo ensino são inspiradores e agradeço imensamente pela companhia e amabilidade nesse processo bonito e complexo chamado aprendizado.

Aos participantes fundamentais deste projeto, que gentilmente cederam seu tempo para compartilhar suas experiências, materiais e conhecimentos. Muito obrigada, Camila Nardini Fogo, Daniel Pereira, Daniel Salomão Roque, Leo Carrer Nogueira, Leopoldo Tauffenbach, Luciana Bispo e Ygor Oliveira, vocês tornaram esse trabalho possível.

Por último, mas não menos importante, a Exu. Obrigada por me dar licença para contar sua história e abrir meus caminhos, munindo essa jornada de pessoas fantásticas, uma sensibilidade fortalecida, muita sorte e perseverança para enfrentar as encruzilhadas. Laroyê!

RESUMO

Exu: O Mensageiro Demonizado é um podcast seriado com o objetivo de compreender como e porque diversos aparatos sociais contribuíram para a demonização deste orixá, além de desmistificar a associação com o diabo do cristianismo. A divindade, figura central nas religiões afro-brasileiras, é um alvo histórico de estigmatização por suas origens africanas e pela representatividade que carrega junto a grupos socialmente minorizados. Utilizando uma abordagem contra-hegemônica, o projeto se baseia em achados teóricos, entrevistas e vivências particulares para resgatar a mitologia de Exu e analisar a construção da figura diabólica ainda em África, iniciada pelos colonizadores e viajantes europeus. Em território brasileiro, o podcast investiga a responsabilidade do Estado, da Igreja e da Imprensa no fortalecimento e propagação deste discurso persecutório.

Palavras-chave: Podcast. Exu. Religiões Afro-brasileiras. Demonização

ABSTRACT

Exu: The Demonized Messenger is a serialized podcast aimed at understanding how and why various social mechanisms contributed to the demonization of this orixá, as well as demystifying the association with the Christian devil. The deity, a central figure in Afro-Brazilian religions, has historically been a target of stigmatization due to its African origins and the representation it carries among socially marginalized groups. Utilizing a counter-hegemonic approach, the project is based on theoretical findings, interviews, and personal experiences to rescue the mythology of Exu and analyze the construction of the diabolical figure still in Africa, initiated by colonizers and European travelers. In Brazil, the podcast investigates the responsibility of the State, the Church, and the Press in strengthening and propagating this persecutory discourse.

Keywords: Podcast. Exu. Afro-Brazilian Religions. Demonization

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	7
3 HIPÓTESE.....	7
4 OBJETIVOS.....	7
4.1 Objetivo geral.....	7
4.2 Objetivos específicos.....	8
5 JUSTIFICATIVA.....	8
6 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
6.1 Exu e religiões de matriz africana.....	10
6.1.1 Literatura acadêmica.....	10
6.1.2 Experiência sacerdotal.....	12
6.1.3 Vivência particular.....	13
6.2 Jornalismo contra-hegemônico.....	14
6.3 Produção de podcast.....	15
7 METODOLOGIA.....	15
8 DESCRIÇÃO DO PODCAST.....	16
8.1 Episódio 1: Um deus na encruzilhada.....	16
8.2 Episódio 2: Inimigo do Estado.....	17
8.3 Episódio 3: Guerra Santa.....	17
8.4 Episódio 4: Laroyê na TV.....	18
9 CRONOGRAMA.....	18
10 ACESSO AO MATERIAL.....	18
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

1 INTRODUÇÃO

Exu, o orixá mensageiro que circula entre o plano dos deuses e o plano dos seres humanos, é uma figura central nas religiões de matriz africana. Na mitologia iorubá, a divindade ancestral surge com a criação do mundo e carrega o Axé, a energia vital de todas as coisas, o princípio dinâmico de tudo que existe. Ele também é o senhor das encruzilhadas, mercados e negociações. É o comunicador, responsável pelas trocas e diálogo com os demais orixás. Também representa a sexualidade, criatividade e prosperidade. Exu não obedece às normas ou à razão, possui sua própria moral e seu próprio tempo, “atira uma pedra hoje para matar um pássaro ontem”¹.

Assim como todas as outras divindades do panteão africano, Exu possui características tipicamente humanas e condenadas pela moralidade cristã: é irascível, brincalhão, provocador. Em suas histórias, há episódios de mentiras, traições e vingança. Isso porque, para os iorubás e outros povos tradicionais africanos, não havia o conceito de bem e mal absolutos, muito menos a ideia de “demônio”. Este foi o primeiro choque cultural entre estas populações e o colonizador europeu, que com sua perspectiva maniqueísta cristã, associou Exu ao diabo.

A estigmatização dessa figura é, ao mesmo tempo, complementar e complementada pela visão inferiorizante dos brancos em relação aos negros, fundamentada em dogmas católicos e teorias racialistas, justificando, inclusive, a escravização destes povos.

A chegada de Exu ao Brasil está intrinsecamente ligada à diáspora africana. Povos de diferentes culturas e práticas religiosas acabam trazendo suas divindades para o país, mesclando suas crenças e desenvolvendo novos rituais em território nacional. Esta combinação acaba dando origem a religiões como o Candomblé.

A vinda de Exu, contudo, também é acompanhada por influências europeias. A associação com o diabo cristão, presente no imaginário brasileiro até hoje, é importada, consolidada e fortalecida por instrumentos como a Igreja, o Estado e a Imprensa.

¹ Ditame presente em um Oriki, palavra de origem iorubá que se refere à saudação, louvação a um orixá. Os orikis são formas de transmissão de conhecimento por meio da oralidade.

O podcast Exu: O Mensageiro Demonizado convida a todas as pessoas para um novo olhar. Com o resgate das origens mitológicas e investigação do processo de demonização do orixá, é possível compreender as dinâmicas históricas e sociais que contribuíram para a construção de uma imagem rasa, preconceituosa e distorcida desta divindade profunda, complexa e poderosa.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Como um produto jornalístico pode contribuir para desmistificar a associação entre Exu e o diabo cristão presente no imaginário do público brasileiro?

A partir deste problema central, surgem questionamentos como:

- Por que Exu, mais do que qualquer outra figura do panteão africano, foi demonizado?
- Como esse processo foi iniciado e quais são suas formas de manifestação atualmente?
- Quais são os aparatos político, social e ideológico responsáveis pela consolidação do discurso demonizante?

3 HIPÓTESE

Um produto jornalístico seriado, em formato de podcast, produzido com base no jornalismo não-hegemônico, pode contar as origens e explicar a demonização de Exu ao público consumidor desta mídia, contribuindo para mitigar o desgaste que diferentes instrumentos, — como a Igreja, o Estado e a Imprensa — empreenderam para a percepção da entidade como figura diabólica.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Produzir um podcast para discutir e compreender como diversos aparatos sociais contribuíram para a depreciação do orixá e da entidade Exu no Brasil, do período colonial até os dias atuais. Desta forma, a proposta é desmistificar a aura de medo e malignidade que acompanha essa figura.

4.2 Objetivos específicos

- Produzir um podcast com recortes temáticos e temporais, analisando a história de Exu no Brasil e as influências socioculturais que moldaram sua imagem no país;
- Resgatar as origens da mitologia do orixá e suas manifestações no Candomblé e na Umbanda;
- Contextualizar a presença de Exu em diferentes representações culturais e como símbolo de resistência de populações marginalizadas;
- Entrevistar pessoas que se relacionam com o tema de maneira diferente, trazendo perspectivas singulares, de acordo com suas experiências: pesquisadores, lideranças religiosas e profissionais de comunicações e artes;
- Apresentar a temática por meio dos seguintes episódios:
 1. Um deus na encruzilhada
 2. Inimigo do Estado
 3. Guerra santa
 4. Laroyê na TV

5 JUSTIFICATIVA

Exu, figura central nas religiões afro-brasileiras, tem sido historicamente alvo de estigmatização por sua ligação com o povo negro. Com a chegada dos primeiros colonizadores europeus ao território africano, Exu foi considerado como diabo por sua intrínseca relação com a sexualidade e moralidade própria, dogma que foi exportado para o Brasil.

Em setembro de 1971, o extinto jornal Notícias Populares atribui a Exu o suicídio de um jovem durante um ritual umbandista². Em 2022, a consagração da escola de samba Acadêmicos da Grande Rio como campeã do Carnaval do Rio de Janeiro, com enredo de exaltação a Exu, foi alvo de diversas manifestações racistas³. Em 2020, o pastor Valdemiro Santiago culpou “Exu Corona” pelo atraso dos alugueiros de suas igrejas durante a pandemia do vírus covid-19.⁴ Estes são apenas alguns exemplos de que a intolerância persiste no tempo e escolhe cor e classe social.

A exemplo dos podcasts Projeto Querino⁵, Vidas Negras⁶ e História Preta⁷, tratar sobre temas caros à população negra, correspondente a 55,5% dos brasileiros⁸, é imprescindível para gerar debates e reflexões sobre uma sociedade fundamentalmente construída à base da desigualdade racial.

Por uma perspectiva jornalística, ainda não há materiais de grande circulação em formato de podcast que apresentem de maneira mais aprofundada as influências sociais que construíram a figura diabólica de Exu, tampouco que contem a história do racismo no Brasil usando o orixá como foco central da narrativa.

Particularmente, como pessoa parda, que cresceu em contato com religiões e mitos afro-brasileiros, esta também é uma oportunidade importante de aprendizado e conexão com a minha ancestralidade.

² CRESCENTE, Claudia. Exu provoca mortes e compra briga com a imprensa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 set. 2014. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/saiunonp/2014/09/1513336-exu-provoca-mortes-e-compra-briga-com-a-imprensa.shtml>

³ CORREIA, Mariama. “O racismo religioso quer demonizar Exu”, diz autor de livro sobre intolerância religiosa. **Agência Pública**, São Paulo, 30 abr. 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/04/o-racismo-religioso-quer-demonizar-exu-diz-autor-de-livro-sobre-intolerancia-religiosa/>

⁴ LACERDA, Victor. Do Museu Nacional da Bíblia a ‘Exu Corona’: violências simbólicas reforçam a intolerância religiosa no Brasil. **Alma Preta**, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/do-museu-nacional-da-biblia-a-exu-corona-violencias-simbolicas-reforcaram-a-intolerancia-religiosa-no-brasil-2/>

⁵ Disponível em: <https://projetoquerino.com.br/podcast/>

⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0qycUnfp92MidYXzMC8t0W?si=826b772d02a54f58>

⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0gkJ4WY8wXJkC2lZVfLyx?si=f5d98589294545f8>

⁸ Com 55,5%, população negra é predominante no Brasil, diz Censo 2022 do IBGE. **O Tempo**, Minas Gerais, 22 dez. 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/com-55-5-populacao-negra-e-predominante-no-brasil-diz-censo-2022-do-ibge-1.3298880>

6 REFERENCIAL TEÓRICO

6.1 Exu e religiões de matriz africana

Para compreender Exu, suas origens e seu papel dentro das religiões de matriz africana, foram usadas perspectivas distintas, sendo que algumas delas não estão atreladas à pesquisa acadêmica tradicional. As referências podem ser subdivididas da seguinte maneira:

6.1.1 Literatura acadêmica

A investigação da formação cultural e religiosa de povos tradicionais africanos, bem como o surgimento das práticas afro-brasileiras teve como referência principal os trabalhos de Léo Carrer Nogueira, Reginaldo Prandi e Claudia Alexandre.

A tese *Da África para o Brasil, de Orixá a Egum: as ressignificações de Exu no discurso umbandista*⁹, de Nogueira, foi a base para todo o projeto e analisa do ponto de vista histórico a cultura dos povos iorubá, a representatividade de Exu nas práticas religiosas, o primeiro contato com os europeus colonizadores e a construção dos discursos inferiorizantes em relação aos negros, propagados ainda em África pelo cristianismo e pelas teorias racialistas dos séculos XVIII e XIX, como mostra o trecho a seguir:

Tais discursos, pretensamente científicos, se somavam a outros existentes desde a idade média no imaginário popular europeu. Estes, influenciados pelas ideias cristãs, acabavam projetando sobre o continente africano uma imagem demoníaca e infernal, e reforçavam um ideal de inferioridade e condenação aos povos que ali viviam. Isto era comprovado pelos relatos dos viajantes e missionários que passaram pela África. (NOGUEIRA, 2017, p. 41)

⁹ NOGUEIRA, Léo Carrer. *Da África para o Brasil, de Orixá a Egum: as ressignificações de Exu no discurso umbandista*. 2017. 410 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

Nogueira explora as primeiras práticas religiosas africanas em território brasileiro e estuda os processos de formação do Candomblé e da Umbanda, esta última sendo o ponto focal para a análise das diversas representações de Exu no Brasil.

O autor também passa pela construção do discurso demonizante a partir do surgimento das igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras em A construção do mito diabólico de Exu: dos primeiros contatos na África ao discurso inquisitorial da IURD¹⁰:

A associação de Exu ao demônio é sempre evocada nestes discursos como forma de desclassificar e rotular a Umbanda como demoníaca (...).

Este tipo de discurso permaneceu no imaginário popular brasileiro, e atualmente é reforçado por alguns segmentos neopentecostais. Um dos mais significativos destes é o da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) (NOGUEIRA, OLIVEIRA, 2006, p, 28)

O artigo é fonte para a compreensão das manifestações mais recentes de racismo religioso por parte desses grupos e alguns de seus membros com forte apelo político.

Cabe a menção de que o autor também foi entrevistado para o projeto, sendo a principal fonte de informação histórica em todos os episódios do podcast.

Reginaldo Prandi também foi elementar para o estudo das características do orixá Exu e da formação do discurso que associa a divindade ao demônio cristão. Destaca-se o artigo Exu, de mensageiro a diabo¹¹, que trata sobre o choque cultural entre europeus e africanos iniciado a partir da percepção de Exu como deus fálico e possuidor de características moralmente questionáveis para os cristãos, como explicitado abaixo:

¹⁰ NOGUEIRA, Léo Carrer; OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. A construção do mito diabólico de Exu - Dos primeiros contatos na África ao discurso inquisitorial da IURD. Anápolis, 2006. 33p. Artigo Final - Curso de Formação Docente em História e Cultura Africanas e Afro-Americanas, Universidade Estadual de Goiás.

¹¹ PRANDI, R. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. Revista USP, [S. l.], n. 50, p. 46-63, 2001. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i50p46-63. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35275>.

Os primeiros europeus que tiveram contato na África com o culto do orixá Exu dos iorubás, atribuíram a essa divindade uma dupla identidade: a do deus fálico greco-romano Príapo e a do diabo dos judeus e cristãos.

A primeira por causa dos altares, representações materiais e símbolos fálicos do orixá; a segunda em razão de suas atribuições específicas no panteão dos orixás e suas qualificações morais narradas pela mitologia, que o mostra como um orixá que contraria as regras mais gerais de conduta aceitas socialmente (PRANDI, 2001, p. 47)

Claudia Alexandre traz uma perspectiva decolonial do orixá em *A Exu Mulher e o Matriarcado Nagô: masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés yorubá-nagô*¹². Apesar do enfoque para as questões de gênero, defendendo a existência de uma “Exua” e investigando as causas de seu silenciamento no Brasil, a obra também foi essencial para uma compreensão mais profunda do orixá iorubano e sua manifestação no Candomblé. No trecho a seguir, por exemplo, ela explica origem ancestral do orixá, que é o primeiro a ser reverenciado em cultos candomblecistas:

Exu é aquele que foi criado antes de tudo para que tudo tenha vida. Ele está relacionado com todos os ancestrais femininos e masculinos, constituindo, ainda, todos os elementos sobrenaturais e tudo o que existe, pois a vida não se desenvolveria sem ele. Se Exu está em tudo e em todos, torna-se imprescindível em qualquer ação ritual (ALEXANDRE, 2023, p. 27)

6.1.2 Experiência sacerdotal

Tradicionalmente, as sabedorias africanas e afro-brasileiras são compartilhadas por meio da oralidade, o que torna boa parte do conhecimento inacessível por meios puramente acadêmicos ou teóricos.

Por isso, a conversa com lideranças religiosas foi essencial para os estudos sobre Exu e suas manifestações. Estes sacerdotes carregam anos

¹² ALEXANDRE, Claudia. *A Exu Mulher e o Matriarcado Nagô: masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés yorubá-nagô*. 1.ed. São Paulo: Aruanda, 2023. 464 p.

de preparação e experiência prática, sendo os únicos a dialogarem com a entidade de forma mais profunda e espiritual. Suas vivências os tornam as principais autoridades no assunto, sabendo inclusive o que pode ser repassado e o que deve ser reservado, principalmente no Candomblé, que carrega segredos guardados a sete chaves, voltados somente a alguns membros da comunidade, escolhidos para cumprirem funções sagradas.

Para o presente trabalho, foram entrevistados:

- Daniel Pereira ou Daniel de Òsógiyan, babalorixá da Comunidade da Renovação Ilê Asé Òsógiyán, terreiro de candomblé em São Paulo;
- Camila Nardini Fogo, mãe de santo da Casa de Pai Benedito de Aruanda, centro de umbanda no ABC paulista;
- Luciana Bispo ou Luciana de Oya, ialorixá do Ilê Obá Asè OGODO, terreiro de candomblé em São Paulo.

6.1.3 Vivência particular

Considerando que as religiosidades de matriz africana não podem ser inteiramente traduzidas pelo viés teórico, não foi possível manter o distanciamento entre a pesquisa acadêmica e minhas experiências pessoais.

Como mencionado no podcast, cresci ouvindo histórias de orixás e frequentemente a menção a essas divindades faz parte do meu cotidiano. Meus primeiros contatos são iniciados por iniciativa de minha mãe, que compartilhava suas experiências adquiridas pelo estudo da antropologia africana e por suas visitas a terreiros.

Como parte de uma família negra com muitas referências religiosas e vivências atravessadas pelo racismo, passei a me interessar ainda mais pelos elementos de minha ancestralidade, incluindo a mitologia africana e os ensinamentos que essas histórias trazem para o enfrentamento a uma realidade de exclusão social.

Minha troca com Exu se aprofunda quando passo a frequentar rituais de umbanda, em que sou direcionada para conversas espirituais com ele e outras entidades. Desde então, minha perspectiva sobre esta figura é (re)construída por meio de laços afetivos. Para a realização do projeto, por exemplo, me comunicava com Exu, pedindo permissão, proteção e força para falar sobre ele.

Por isso, listo minha experiência pessoal como referência, já que fui influenciada pela minha própria interpretação de Exu, seja como orixá do Candomblé ou entidade da Umbanda.

6.2 Jornalismo contra-hegemônico

Exu: O Mensageiro Demonizado foi pensado a partir da contra-hegemonia no jornalismo, ou seja, desafiando discursos dominantes propagados pelos grandes meios de comunicação.

Esta prática é caracterizada pela postura crítica frente aos veículos de massa e suas estruturas de poder, dando visibilidade a temas e grupos tradicionalmente desfavorecidos ou ignorados pela mídia hegemônica. Segundo Raquel Paiva¹³:

O papel fundamental de uma movimentação contra-hegemônica é o de fazer pensar, o de propiciar novas formas de reflexão, com o objetivo precípuo e final de libertar as consciências (PAIVA, 2008, p. 3)

Tal visão foi o alicerce para a escolha do tema do podcast e a maneira como foi construído, tomando um posicionamento claro sobre racismo religioso, além de usar fontes alternativas de informação, com as descritas acima, nos tópicos 6.1.2 e 6.1.3.

Outro ponto fundamental para a produção do material foi a priorização de entrevistados pretos e pardos para que pudessem compartilhar suas visões sobre um tema que lhes é cotidiano, afinal, suas existências são violentadas pelo racismo e seus locais de fala são indiscutíveis. Robert Hackett e William Carroll¹⁴ destacam esta escolha editorial como característica importante do jornalismo contra-hegemônico:

Ao proporcionar uma plataforma para vozes marginalizadas e promover uma análise crítica das estruturas de poder, o jornalismo contra-hegemônico contribui para a construção de uma esfera pública mais inclusiva e democrática (HACKETT; CARROLL, 2006, p. 88)

¹³ PAIVA, Raquel. Contra-mídia-hegemônica. In: COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). Comunicação e contra-hegemonia: Processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

¹⁴ HACKETT, Robert A.; CARROLL, William K. Remaking Media: The Struggle to Democratize Public Communication. 1.ed. New York: Routledge, 2006. 256 p.

6.3 Produção de podcast

O formato jornalístico escolhido para este trabalho, o podcast, permite uma linguagem mais livre e diferente da pirâmide invertida, tradicionalmente usada por outras formas de mídia. É possível, inclusive, estabelecer uma relação de maior proximidade com o ouvinte.

Os podcasts também são um formato adaptado às novas tecnologias e hábitos de consumo, sendo ainda mais acessíveis à produção autônoma de conteúdo e abertos à participação de grupos que normalmente não se veem representados nas grandes mídias.

Um podcast, em especial, foi a inspiração para a construção do presente trabalho, o Projeto Querino, idealizado pelo jornalista Tiago Rogero e produzido pela Rádio Novelo, com a premissa de entender como a História explica o Brasil de hoje, sem medo de botar o dedo na ferida das elites e de apontar responsabilidades¹⁵.

O projeto é marcado pelo uso de uma linguagem própria, caracterizada pelo tempo maior de locução e contação de histórias, inserção de vozes de fontes que podem exemplificar os fatos narrados e identidade sonora marcante, presente em todos os episódios, o que garante a uniformidade do programa, mesmo que este seja dividido em partes.

7 METODOLOGIA

Foram utilizados métodos de pesquisa exploratória, através de levantamentos bibliográficos e documentais. Foram consultados livros, teses, dissertações, artigos, registros audiovisuais e publicações feitas pela imprensa entre os séculos XIX e XXI.

Também foram realizadas entrevistas com pesquisadores, lideranças religiosas, ativistas e profissionais de comunicação e artes, sempre considerando relações sócio-culturais históricas para investigar o racismo, tendo como alicerce a figura de Exu.

Ainda em relação à pesquisa, foram feitas visitas a um terreiro, onde tive a oportunidade de participar de uma gira de esquerda, que são rituais da Umbanda dedicados a exus e pombagiras.

Em seguida, teve início a busca por fontes para as gravações do podcast. Este passo foi particularmente desafiador, visto que a prioridade era por

¹⁵ Disponível em: <https://projetoquerino.com.br/podcast/>

entrevistados negros e, muitas vezes, foi difícil acessá-los. Minhas hipóteses para isto são i) a sensibilidade do tema para algumas pessoas, que podem evitar falar sobre Exu graças à estigmatização dessa figura, assim, preferindo o resguardo ii) o movimento para privilegiar as vozes de profissionais e lideranças negras ainda é recente e relativamente escasso, por isso, muitas vezes são sempre as mesmas pessoas a serem consultadas, havendo um problema de disponibilidade. Cabe a auto-responsabilidade pela procura ainda mais aprofundada de possíveis fontes, não só para este projeto, mas também para empreendimentos futuros.

As perguntas a cada entrevistado eram elaboradas de acordo com a área de especialidade ou vivência de cada um, considerando apenas uma ideia dos temas que seriam explorados em cada episódio. Geralmente, tais perguntas eram enviadas com antecedência para a preparação da fonte e as conversas eram realizadas e gravadas de forma remota. A entrevista tinha um ritmo controlado, em que o entrevistado era guiado para falar sobre cada tema, a exceção foi a Luciana Bispo, que teve maior liberdade para um fluxo de ideias e divagações, já que sua participação estava relacionada a uma outra forma de transmissão de conhecimento.

Em seguida, todas as entrevistas foram decupadas e usadas como base para a elaboração do roteiro, juntamente com os achados teóricos. Todos os episódios foram roteirizados e, logo após, editados, oferecendo uma flexibilidade maior para o processo criativo e de pesquisa entre um episódio e outro.

As locuções foram gravadas com microfone de lapela e celular, e as edições foram feitas no programa gratuito Audacity, dando preferência para o uso de efeitos sonoros de domínio público.

Por fim, as ilustrações que serão utilizadas para a publicação futura do podcast nas plataformas digitais foram feitas de forma autônoma, utilizando imagens sem direitos autorais.

8 DESCRIÇÃO DO PODCAST

8.1 Episódio 1: Um deus na encruzilhada

O primeiro episódio do programa é introdutório e tem como objetivo explicar as origens de Exu e os povos que o veneravam. O nome é uma brincadeira com os múltiplos sentidos da palavra “encruzilhada”, dando a ideia de um deus

encurralado por uma situação difícil ou diante de múltiplas possibilidades de movimento, e também faz referência a um dos territórios de atuação de Exu, o senhor das encruzilhadas.

Com a participação de Leo Carrer Nogueira, professor, autor e especialista em História e Cultura Africanas e Afro-Americanas, e de Daniel Pereira, babalorixá, professor e pesquisador em Educação, o episódio narra o primeiro contato dos europeus com os africanos, a presença do discurso demonizante ainda em África, a chegada desta visão no Brasil e a formação do candomblé no país, destacando o papel de Exu nesta religião.

Uma observação importante: Nogueira será parte integrante de todos os episódios deste podcast, atuando como um consultor em história e autor da principal fonte de pesquisa deste projeto.

8.2 Episódio 2: Inimigo do Estado

O segundo episódio tem como objetivo aprofundar o papel do Estado brasileiro na perseguição dos cultos de matriz africana, do período colonial ao auge da perseguição de tais práticas: o Estado Novo. O programa também se debruça sobre o nascimento da Umbanda e de uma nova representação de Exu, a de espírito em evolução.

A Mãe de Santo Camila Nardini Fogo é a responsável por compartilhar seu conhecimento sobre as manifestações das entidades exus e pombagiras na umbanda. Ela também será peça-chave para o início da conversa sobre perseguição a religiões afro-brasileiras na atualidade, um gancho para um tema que será aprofundado no próximo episódio.

8.3 Episódio 3: Guerra Santa

Este episódio é deliberadamente mais sério e tem caráter de denúncia, visto que trata do racismo religioso praticado na atualidade, reforçado pelo discurso de alguns grupos cristãos. Primeiramente, compreendemos a responsabilidade da Igreja na demonização de Exu, como foco na igreja católica e, em seguida, em certos segmentos neopentecostais, que propagam agressões a religiões afro-brasileiras.

O Ygor Oliveira, pesquisador e advogado criminal com foco em crimes de racismo, colabora com uma visão jurídica sobre o funcionamento destas violências, muitas vezes amparadas por agentes públicos, e lista algumas possibilidades de acolhimento das vítimas.

Luciana Bispo fala sobre sua existência como mulher, preta e ialorixá na sociedade, o que, infelizmente, a torna um grande alvo para agressões. Ela compartilha suas vivências diretamente influenciadas pelo racismo estrutural e denuncia a extrema desigualdade racial do país.

8.4 Episódio 4: Laroyê na TV

O último episódio foi pensado para ser mais leve, uma referência à alegria típica de Exu. Desta vez, são retratadas diferentes manifestações da divindade, investigando o papel da Imprensa em sua demonização, a participação de uma Mãe de Santo na televisão aberta e as diversas concepções imagéticas de Exu, da pomba-gira loira ao Zé Pilintra.

Foram convidados Daniel Salomão Roque, historiador, pesquisador e jornalista, e Leopoldo Tauffenbach, artista plástico, professor e pesquisador de Exu. Ambos trazem perspectivas sobre a entidade na cultura popular e suas transformações ao longo do tempo.

Observo que Roque e Tauffenbach também contribuíram compartilhando documentos e registros da imprensa, catalogando notícias sobre Exu, cultos de matriz africana e reportagens sobre a Mãe Cacilda de Assis, todos publicados por jornais impressos antigos.

9 CRONOGRAMA

Estampas de desenvolvimento do projeto	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Revisão bibliográfica	X	X			
Entrevistas e gravações			X	X	
Roteiro e locução				X	X
Edição				X	X
Memorial descritivo					X

10 ACESSO AO MATERIAL

O podcast pode ser acessado na íntegra por meio [deste link](#) ou clicando nas imagens abaixo.

O material também está disponível no [Spotify](#) e na [Amazon Music](#).



Exu: O Mensageiro Demonizado



Episódio 1: Um deus na encruzilhada



Episódio 2: Inimigo do Estado



Episódio 3: Guerra Santa



Episódio 4: Laroyê na TV

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do podcast Exu: o mensageiro demonizado foi uma experiência exaustiva, desafiadora, porém, extremamente gratificante e especial. Durante toda a construção do projeto, pude desenvolver um olhar crítico sobre o tema, tanto pelo ponto de vista teórico, quanto pessoal.

Pela perspectiva acadêmica, pude exercitar habilidades fundamentais para a prática jornalística, como a investigação, busca e nutrição de fontes, organização do tempo e das informações, e a seleção de critérios de noticiabilidade, mesmo que distintos dos critérios do jornalismo hegemônico. Também pude ampliar meu conhecimento sobre a produção de conteúdos em áudio, passando por todas as etapas de elaboração de um podcast: pesquisa, produção, entrevista, gravação, decupagem, roteiro, locução e edição.

Considerando o produto final, a hipótese de que um podcast seriado poderia retomar as origens de Exu, bem como explicar sua demonização e mitigar seus efeitos se confirma. Os quatro episódios trazem uma perspectiva histórica e social deste tema, passando por diferentes recortes temporais e ouvindo fontes diversas. O que também confirma o cumprimento dos objetivos do projeto.

Por outro lado, sob uma perspectiva pessoal, pude me conectar cada vez mais com a história dos meus antepassados, fortalecendo minha espiritualidade, senso de pertencimento e olhar crítico sobre o presente. Sei que meus privilégios são resultado de toda a luta que foi (e continua sendo) travada pelas populações pretas e pardas, o que me dá ainda mais orgulho do que meus ancestrais deixaram de legado para o mundo: cultura, resistência, profundidade, inteligência e sensibilidade.

Analisar a história tendo Exu como ponto partida foi como retornar à encruzilhada, nosso lugar de origem, onde entre tantos encontros e desencontros, nos deparamos com um universo de movimentações e possibilidades.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Claudia. **A Exu Mulher e o Matriarcado Nagô: masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés yorubá-nagô**. 1.ed. São Paulo: Aruanda, 2023. 464 p.
- BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **O livro essencial da Umbanda**. 1.ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2020. 336 p.
- CORREIA, Mariama. “O racismo religioso quer demonizar Exu”, diz autor de livro sobre intolerância religiosa. **Agência Pública**, São Paulo, 30 abr. 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/04/o-racismo-religioso-quer-demonizar-exu-diz-autor-de-livro-sobre-intolerancia-religiosa/>. Acesso em: 02/04/2024.
- CRESCENTE, Claudia. Exu provoca mortes e compra briga com a imprensa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 set. 2014. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/saiunonp/2014/09/1513336-exu-provoca-mortes-e-compra-briga-com-a-imprensa.shtml>. Acesso em: 03/05/2024.
- FERNANDES, Nathalia Vince Esgalha. A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana. **Revista Calundu**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2017. DOI: 10.26512/revistacalundu.v1i1.7627. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/7627>. Acesso em: 04/04/2024.
- HACKETT, Robert A.; CARROLL, William K. **Remaking Media: The Struggle to Democratize Public Communication**. 1.ed. New York: Routledge, 2006. 256 p.
- KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009. 368 p.
- LIMA, Ronnei P. Etereótipos, demonização, estigmatização: os jornais do século XIX e suas práticas de perseguição à população negra praticante das tradições afro-religiosas. In: 31 Simpósio Nacional de História, 2021, Rio de Janeiro. **Anais do 31º Simpósio Nacional de História** [livro eletrônico] : história, verdade e tecnologia. São Paulo: ANPUH-BRASIL, 2021.
- MARTINS, Natasha; TORRES, Maycon R. S. Aspectos da Intolerância Religiosa no Brasil: dominância política, social e institucional cristã frente a Umbanda e o Candomblé. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], n. 10, p.301-319, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rt.v10i1.79296>. Acesso em: 15/04/2024.
- NOGUEIRA, Barbara. S. **Notícias de um batuque: o jornal a tarde e a perseguição e criminalização dos candomblés em Salvador (1912-1937)**. Cachoeira, 2015. 111p. Programa de Mestrado em História da África, da Diáspora e do Povos Indígenas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- NOGUEIRA, Léo Carrer; OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. **A construção do mito**

diabólico de Exu - Dos primeiros contatos na África ao discurso inquisitorial da IURD. Anápolis, 2006. 33p. Artigo Final - Curso de Formação Docente em História e Cultura Africanas e Afro-Americanas, Universidade Estadual de Goiás.

NOGUEIRA, Léo Carrer. **Da África para o Brasil, de Orixá a Egum: as ressignificações de Exu no discurso umbandista.** 2017. 410 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa.** 1.ed. São Paulo: Pólen, 2020. 160 p.

PAIVA, Raquel. Contra-mídia-hegemônica. In: COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). **Comunicação e contra-hegemonia:** Processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista USP**, [S. l.], n. 50, p. 46-63, 2001. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i50p46-63. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35275>. Acesso em: 02/05/2024..

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 624 p.

ROQUE, Daniel S. A mãe de santo que colocou os programas de auditório na mira da ditadura. Vice, São Paulo, 05 abr. 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/gym5nj/cacilda-assis-sete-lira-exu>. Acesso em: 03/05/2024.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. **Mana : Estudos de Antropologia Social**, v. 13, n. 1, p. 207-236, 2007Tradução . . Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-93132007000100008>. Acesso em: 26/05/2024.